



## **Carta em defesa de uma nova relação bilateral Brasil-Haiti**

**Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil,**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

É uma honra dirigir-lhe a palavra. Há 10 meses estamos elaborando esta carta.

Em primeiro lugar, gostaríamos de parabenizá-lo pela merecida vitória nas últimas eleições do Brasil. Sua volta ao poder encheu de esperanças e alegria o coração do povo brasileiro, bem como dos (as) pesquisadores (as) comprometidos (as) com justiça social e construção de um conhecimento crítico e cidadão.

Lutamos e sofremos muito nos últimos seis anos, mas não mais que Vossa Excelência que passou pelo regime prisional fechado sob uma alegação infundada que violou todas as normas jurídicas de todas as áreas do direito, fazendo-nos viver em um regime de absoluta insegurança jurídica, tendo em vista que, se os poderes constituídos até então no Brasil poderiam fazer isso com a eminente figura pública mundial como a de Vossa Excelência, o que fariam com cidadãos comuns como nós? A covardia dos setores conservadores da sociedade brasileira não tem limites, Vossa Excelência bem sabe, pois se alimentam do sofrimento dos mais pobres para ostentar, de forma obsoleta e abjeta, seus privilégios totalmente descabidos no século XXI.

Nós, ao tempo que nos preocupamos com as mazelas do dia-a-dia sofridas pelo povo brasileiro, como violência de gênero, racismo, devastação ambiental, luta pela moradia e direito à vida, também nos dedicamos a apoiar, na medida das nossas possibilidades, pesquisadores (as) haitianos (as) que sobrevivem a duras penas no território do Haiti, imigrantes haitianos (as) que vivem no Brasil, ativistas culturais haitianos da comunidade de Verrettes, no Haiti, estudantes haitianos (as) perseguidos (as) por manifestarem sua indignação frente aos desmandos das autoridades do país, bem como servidores (as) públicos (as) haitianos (as) em situação de vulnerabilidade e risco de morte.

Nossa interlocução e aprofundamento de laços com a sociedade civil organizada haitiana surgiu a partir de 2004, momento em que o Brasil decidiu liderar militarmente o comando da MINUSTAH. Nos assustamos, nos preocupamos, reunimos esforços institucionais para entender os motivos pelos quais o Brasil decidiu enviar militares treinados para matar jovens negros das periferias do Brasil a um país irmão caribenho totalmente negro, cuja história de luta antirracista e anticolonialista muito nos orgulha e deveria orgulhar todos os povos e nações do mundo. Prevíamos um massacre racista. Os militares brasileiros não receberam treinamento antirracista para lidar com um povo negro e altivo como é o haitiano.

Conseguimos apoio da CAPES para estar em solo haitiano todas as vezes que o solicitamos. A primeira vez foi nos anos de 2006 a 2007, ocasião na qual pudemos comprovar a abordagem racista e sexista dos soldados brasileiros e um notável despreparo na leitura do contexto dos comandantes militares, visto que o Haiti não vivia nenhuma



guerra civil, apenas uma crise política que, certamente, não se combate com o envio de soldados destreinados, ação que consideramos um ato de covardia e falta de habilidade para propor estratégias regionais de segurança e bem-estar social.

Dentre os resultados de toda esta operação lamentável que se chamou MINUSTAH foi o financiamento atroz com recursos do sofrido povo brasileiro de um conjunto de generais que se articularam desde o Haiti para fazer deste país um laboratório de práticas racistas repressivas para serem aplicadas contra as populações negras e periféricas do Brasil. Foram mandantes do golpe de Estado no governo Dilma Rousseff e implantaram uma intervenção militar no Estado do Rio de Janeiro, em 2018, ao custo de 2 bilhões de reais, sob a liderança do General Walter Souza Braga Netto, Assessor especial do Gabinete Pessoal do Presidente da República do Brasil, ex-Ministro da Casa Civil e ex-candidato a Vice Presidente na chapa que disputou a reeleição do Presidente Bolsonaro. Por meio de abordagens criminosas nas comunidades de Vila Kennedy e no Salgueiro (em São Gonçalo), o comando do Assessor Especial do Gabinete Pessoal do Presidente da República do Brasil deixou marcas indelévels nestas comunidades a troco de satisfação pessoal de militares desprovidos de qualquer interesse na defesa do povo brasileiro.

MENU

g1

RIO DE JANEIRO

BUSCA

fique por dentro

Copa do Mundo

PEC da Transição

Combustível mais barato

Mega-Sen.

## Operação com 2,5 mil militares no Salgueiro, em São Gonçalo, tem 2 mortos

Cerco contra criminosos é realizado por terra e por mar, na Baía de Guanabara. Comando Conjunto da Intervenção pede denúncias de moradores por esconderijos de armas e drogas.

Nossas Forças Armadas não estão efetivamente contribuindo com o povo brasileiro. Não devem ser pensadas como solução para crises políticas domesticamente e em outros países, ademais para o Haiti, cujo desserviço de 14 anos consecutivos no comando militar da MINUSTAH aprofundou ainda mais a crise política e o sentimento de incapacidade de se autogovernar do povo haitiano. Um episódio sintomático ocorreu em 2005, quando o General Augusto Heleno (que foi Ministro do Gabinete de Segurança Institucional do governo Jair Bolsonaro) comandou uma missão no bairro Cité Soleil, na periferia de Porto Príncipe. Batizada de “Punho de Ferro”, a operação durou cerca de sete horas e disparou mais de 22 mil balas em meio às casas de paredes finas. Embora o General Heleno tenha considerado a missão um sucesso (CASTRO; MARQUES, 2019), vários grupos de direitos humanos a classificaram como um massacre, alegando que dezenas de civis (incluindo



mulheres e crianças) morreram no fogo cruzado. Acusações semelhantes, relacionadas ao excesso do uso da força, foram direcionadas aos militares brasileiros nas pacificações de favelas do Rio de Janeiro. Apenas a título exemplificativo, gostaríamos de rememorar a atitude atroz de um Tenente do Exército, quando em uma “operação” em 2008, no Morro da Providência, no centro da cidade do Rio de Janeiro, enviou três jovens negros desta comunidade à facção rival no Morro da Mineira para que fossem executados sob a alegação de um suposto desacato. Práticas odiosas de validação da rivalidade entre comunidades utilizando-a para cometer assassinatos são, infelizmente, práticas exportáveis à atuação do Brasil em outros lugares do mundo. Não devemos cancelar este tipo de barbaridade. Pelo contrário, devemos refleti-la com a seriedade que os atos criminosos requerem e termos o máximo de cautela ao confiar a esta instituição o dever de salvar vidas e restaurar a paz. Seu legado não permite que lhe demos qualquer cheque em branco.

## **Tenente suspeito de entregar jovens a criminosos no Rio será levado a júri popular**

7ª Vara Federal Criminal resolveu seguir com processo após laudo que afirma que militar fingiu ter problemas psiquiátricos. Três jovens foram mortos após serem entregues a criminosos de traficantes do morro da Mineira.

Cenas lamentáveis como as da foto abaixo também foram cometidas por militares do Exército Brasileiro, em 1994, em uma das entradas da Comunidade Dona Marta, em Botafogo, Rio de Janeiro, e que são disseminadas até hoje em todo o mundo como o ápice do abuso que o Estado pode cometer contra a nossa população. De acordo com a atuação recente das Forças Armadas brasileiras, quando oferecem sua estrutura institucional para apoiar atos antidemocráticos, percebemos que o Exército brasileiro, tal como o exército haitiano, constrói molas de corrosão de sua democracia. No Brasil, quando o governo lhe oferece a oportunidade, tal instituição não demora a escancarar o seu desprezo pela democracia.



Foto de Márcia Foletto, divulgada pelo Jornal O Globo, em novembro de 1994.

Nossas pesquisas indicam, de forma peremptória, que há uma relação causal entre os *Force Commanders* da MINUSTAH, em ação coordenada com a Embaixada do Brasil em Port-au-Prince, de fazer do Haiti um laboratório de práticas abusivas para serem aplicadas em território brasileiro. Não por acaso, o general Augusto Heleno Ribeiro Pereira, que foi comandante da missão, declarou, ainda em 2010, que “como exercício militar, a MINUSTAH [era] excelente; no entanto, como operação de paz, ela não [tinha] mais sentido” (SEITENFUS, 2017). Acreditamos que, em território haitiano, sem a fiscalização das instituições democráticas brasileiras e sem a cobertura midiática que deveria se fazer presente, mas não o fez, a alta cúpula do Exército reuniu forças para se consolidar como instância repressiva de poder tanto no Haiti como no Brasil. O resultado foi a eleição do governo Bolsonaro e a corrosão da democracia brasileira. O preâmbulo desta estratégia foi a intervenção militar de 2018 na cidade do Rio de Janeiro como forma de adestrar o povo brasileiro a se acostumar com o regime militar repressivo. O discurso aberto do ex-Embaixador do Brasil no Haiti, em entrevista à BBC Brasil, de que a nossa política externa usa um país irmão como laboratório é realmente assustadora.



# Haiti se tornou laboratório para o Brasil, diz embaixador

João Fellet

Enviado especial da BBC Brasil ao Haiti

28 fevereiro 2012

Atualizado 29 fevereiro 2012



Somada a esta postura, 75% dos Comandantes militares da MINUSTAH foram Ministros do Governo Bolsonaro ou ocuparam cargos estratégicos de controle da Suprema Corte brasileira, a saber:

## **Force Commanders da MINUSTAH:**

- 1) General Heleno (2004-2005) - Ministro do Gabinete de Segurança Institucional (2019 - atual);
- 2) General Bacelar (2005-2006) - suicidou-se no Haiti em 2006;
- 3) General Elito (2006-2007) - não ocupou cargos no governo Bolsonaro;
- 4) General Santos Cruz (2007-2009) - Ministro da Secretaria de Governo (2019);
- 5) General Floriano Peixoto (2009-2010) - Ministro da Secretaria Geral da Presidência (2019);
- 6) General Luiz Eduardo Ramos (2011-2012) - Ministro chefe da Secretaria de Governo (2019-2021); Ministro da Casa Civil (2021), Ministro chefe da Secretaria de Governo (2021-atual);
- 7) General Fernando Rodrigues Goulart (2012-2013) - não ocupou cargos no governo Bolsonaro. Dedicou-se à carreira acadêmica;
- 8) General Edson Pujol (2013-2014): Comandante Geral do Exército (2019-2021);





- 9) General José Luiz Jaborandy Júnior (2014-2015): falecido em 2015;
- 10) General Ajax Porto Pinheiro (2015-2017): Assessor Especial da Presidência do STF no mandato do Ministro Dias Toffoli (2018-2020) e atual Assessor do STJ no gabinete do Ministro Humberto Martins (2020 - atual)

Recebemos com muita preocupação a veiculação da notícia veiculada no jornal Estado de São Paulo em 05 de dezembro de 2022 de que a visita ao Brasil de Jake Sullivan, Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, teve como um dos temas a participação brasileira em uma nova Missão da ONU no Haiti. Esta decisão também foi veiculada em 7 de dezembro de 2022, em todos os periódicos da República Dominicana. Já durante a vigência da sua nova gestão, em maio de 2023, o governo de Joe Biden estava com a intenção de convencer China e Brasil a fazer uma nova missão de paz no Haiti. Com a guerra na Ucrânia, EUA e Rússia estão com relações estremecidas e sobria, inclusive, para o Brasil fazer a ponte entre as três potências do Conselho de Segurança da ONU. Sob qualquer hipótese, o Brasil não pode aceitar participar de uma Missão das Nações Unidas apoiada sob o Capítulo VII da Carta da ONU. Isso vai contra todos os princípios que regem as relações internacionais brasileiras estabelecidos no artigo 4 da nossa Constituição contra tudo o que esperamos do novo governo Lula. Rogamos para que Vossa Excelência reconsidere esta posição, caso já a tenha tomado.

### **Iniciativa Brasil-Haiti**

A Iniciativa Brasil-Haiti - <http://iquiteria.org/iniciativa-brasil-haiti/> surgiu a partir da união de diversas (os) pesquisadoras (es), de todas as áreas do conhecimento, situados em todas as regiões do Brasil e do Haiti dedicados à construção de uma Plataforma de Ação que permita reconfigurar a relação bilateral Brasil-Haiti a partir de bases comunitárias, de pesquisa e reflexão crítica, do combate ao racismo, ao sexismo e em defesa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável. Desde lideranças comunitárias a pesquisadoras (es) das áreas de engenharia, educação, Antropologia, jornalismo, Relações Internacionais, Sociologia, Cinema e Letras, todos (as) estamos comprometidos (as) a reerguer as relações bilaterais de modo a torná-la equitativa, produtiva e exemplar da Cooperação Sul-Sul.

A Iniciativa é parte das ações do Instituto Maria Quitéria, - <http://iquiteria.org/>, uma instituição de ensino e pesquisa na área de Relações Internacionais voltada à defesa da negritude, equidade de gênero e fortalecimento do Sul-Global, sediada no Rio de Janeiro e mantenedora da Escola Crítica de Relações Internacionais do Rio de Janeiro. A partir de dezenas de debates e reflexões que culminaram no lançamento da Iniciativa no dia 8 de agosto de 2023 na UniRio, vimos defender as seguintes ações e compromissos da Política Exterior Brasileira, em relação ao Haiti:



## **Compromisso No. 1: Que o governo “Lula 3” diga NÃO às intervenções estrangeiras e racistas no Haiti!**

O governo brasileiro não pode cometer os mesmos erros do passado e agir de forma irrefletida sobre uma possível intervenção no Haiti. Nós acreditamos que o governo de Vossa Excelência primará pela maturidade, sabedoria, interlocução com a sociedade civil e elevação de nível das relações exteriores com os países do Sul Global. O Haiti deve ser a nossa prioridade na política externa. Devemos muito a este povo. Não fizemos um bom trabalho. Enviamos principalmente militares quando poderíamos, a exemplo do que ocorreu com Timor Leste, enviar professores (as), estudantes e aprofundar nossa cooperação técnico-científica. Recebemos mal os milhares de imigrantes haitianos que aqui chegaram a partir de 2010. Entregamos ao Ministério do Trabalho a responsabilidade de cuidar dos vistos humanitários aos haitianos, como se a imigração haitiana fosse destinada apenas ao trabalho braçal. Não exploramos as inúmeras possibilidades de ganhos com a cooperação bilateral com o Haiti na área da cultura, artes, ciência, desenvolvimento sustentável e co-criação de plataformas de compartilhamento do conhecimento em todas as áreas.

Os Estados Unidos não têm compromisso verdadeiro com o Haiti e está novamente realizando o mesmo jogo feito há 20 anos atrás, levando em consideração o início da MINUSTAH. Entretanto, dada a perspectiva estrutural da questão haitiana, faz-se elementar pontuar que intervenções dos Estados Unidos no Haiti datam de mais de um século. Sem mencionar, ainda, intervenções anteriores cometidas por outras potências. Portanto, há de se evidenciar que não soa coerente repetir uma lógica que há tempos não obtém resultados positivos na sua justificativa de ser e operar. Uma vez que o mundo mostra novos rumos no que tange à lógica de cooperação Sul-Sul, faz-se oportuno questionar se o caminho de uma intervenção endossada pela potência norte-americana traduz os interesses dos países que compartilham um histórico de colonização, escravidão e saques de suas riquezas.

Na ocasião do assassinato do Presidente haitiano Jovenel Moise, em 7 de abril de 2021, nosso grupo se mobilizou intensamente junto à Casa Branca para buscar apoio e a aplicação de uma política de salvaguarda a cidadãos haitianos ameaçados de morte e recebemos como resposta (extraoficial) que o governo dos Estados Unidos não protege cidadãos de outros países e que o assunto do Haiti seria tratado de forma global e estratégica em um momento posterior. Esta resposta foi similar à de outras chancelarias estrangeiras que buscamos: a de que eles não protegem cidadãos de outros países. Como Vossa Excelência pode imaginar, não houve possibilidade de diálogo com a chancelaria brasileira indicada pelo governo Bolsonaro no Haiti.

Nenhuma ação do Conselho de Segurança das Nações Unidas ou da Casa Branca foi tomada para restabelecer um novo governo no Haiti que, diga-se de passagem, estava prestes a realizar eleições democráticas. Frente ao vácuo de poder e à falta de definição de qualquer horizonte para o restabelecimento da democracia, as gangues haitianas se articularam, sentiram-se à vontade para controlar territórios que a Polícia Nacional Haitiana se viu desmotivada a proteger, dados os baixíssimos salários atrasados e leis restritivas à sindicalização e luta pela defesa de direitos trabalhistas.



## **Compromisso No. 2: criação do Conselho Nacional de Política Externa (CONPEB)**

É urgente a criação de um diálogo permanente com a sociedade civil no que se refere à tomada de decisões estratégicas de política externa, especialmente aquelas que afetam a vida dos povos africanos, afro diaspóricos, latino americanos e caribenhos. Entendemos que o campo das Relações Internacionais brasileiras de perspectiva crítica e engajada com a construção de conhecimento, cuja validação incide no impacto comunitário local e global, encontra-se consolidado, produtivo e disposto a colaborar com políticas progressistas que apoiem ainda mais a tradição da Política Externa Brasileira, livre de pressões imperialistas e interesses internacionais escusos.

Dentro do Conselho, a partir dos diversos grupos de trabalho que podem se formar, seria importantíssimo que o governo brasileiro abrisse um canal de diálogo e responsabilidade com o governo da República Dominicana, que vem insistentemente procurando uma intervenção armada no Haiti em instâncias consagradamente ilegais no que se refere ao uso da força, tais como o CARICOM.

## **Compromisso No. 3: Cooperação Sul-Sul para o desenvolvimento nacional haitiano centrada no bem-estar do povo haitiano**

Entendemos que a relação bilateral Brasil - Haiti poderia estar focada na aplicação de um Plano Global de Desenvolvimento do Haiti, vetor estrategicamente importante para o fortalecimento do papel do Brasil na relação bilateral com o Haiti e no seu protagonismo regional.

Sabemos que o Brasil estabeleceu importantes iniciativas de Cooperação Sul-Sul com o Haiti que foram muito bem-sucedidas e reconhecidas pelo povo haitiano e instituições internacionais. O Programa de Cooperação Sul-Sul Brasil-Haiti<sup>1</sup> lançado em seu mandato anterior com o objetivo de estabelecer uma parceria de longo prazo de desenvolvimento autônomo e sustentável para fortalecer o Estado e o povo haitiano - e, portanto, sua capacidade de responder aos desafios que se apresentavam por meio de projetos estruturantes com foco no fortalecimento institucional nas mais diversas áreas como agricultura e segurança alimentar e nutricional, meio ambiente, formação profissional, segurança e cidadania, infraestrutura e saúde - é um exemplo disso.

Vale destacar a iniciativa tripartite Brasil-Cuba-Haiti (Sul-Sul-Sul) para a reconstrução e fortalecimento do sistema de saúde e de vigilância epidemiológica do Haiti, que compartilhou com o país irmão grande parte do conhecimento técnico brasileiro e cubano na saúde com envolvimento da Fiocruz<sup>2</sup>.

Também deve ser de seu conhecimento a importante iniciativa do Movimento Sem Terra (MST) em parceria com os movimentos populares da Via Campesina e ALBA Movimentos Sociais no Haiti conhecida como “Brigada Jean-Jacques Dessalines”, que coopera apoiando a população haitiana em agroecologia, soberania alimentar e formação

---

<sup>1</sup> Mais em <https://repositorio.iica.int/handle/11324/6965>

<sup>2</sup>

<https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/acordo-entre-brasil-cuba-e-haiti-e-a-maior-cooperacao-tecnica-do-brasil-2016-12-19>





de agentes comunitários para produção de alimentos, uma iniciativa que possui um grande impacto positivo no atual contexto e que segue ativa, ainda que sem o apoio oficial do governo brasileiro<sup>3</sup>.

Este Plano poderia ser feito por meio das seguintes ações:

- a) Solicitar ao TSE cooperação técnica com o CEP - Conselho Eleitoral Provisório do Haiti para a realização de eleições limpas e justas no Haiti, com a maior brevidade possível;
- b) Propor ao governo da República Dominicana a criação de casas de apoio aos imigrantes haitianos, com os recursos da comunidade internacional;
- c) Facilitar a entrada de imigrantes haitianos ao território brasileiro, com o auxílio das Pastorais de Migrantes da Igreja Católica espalhadas pelo território nacional;
- d) Propor um grupo de diálogo para a paz com o apoio dos governos da Colômbia e de Cuba para a elaboração de um Acordo de Paz similar ao que ocorreu com as FARC com os integrantes do *G9 an Fanmi e Alye*, acusados de, sob a liderança de "Barbecue", impedir a circulação de pessoas e mercadorias (inclusive gasolina) no território haitiano;
- e) Relançar o Programa Pró-Haiti, da CAPES, destinado ao intercâmbio de estudantes haitianos às universidades públicas brasileiras que se perdeu em meio à ruptura de governo no Brasil, em 2016.
- f) Reforçar o aumento de vagas para estudantes haitianos nos Programas PEC-G e PEC-PG e cobrança de um Plano de Marketing da Embaixada do Brasil no Haiti para a devida divulgação deste Programa junto aos estudantes haitianos (as) interessados (as);
- g) Propor a criação de uma versão PROUNI-Haiti para que universidades particulares recebam estudantes haitianos;
- h) Realizar interlocução com a Agência Brasileira de Cooperação para a apresentação de um novo Programa de Cooperação Sul-Sul do Brasil com o Haiti, a partir das demandas da sociedade civil haitiana organizada;
- i) Solicitação de acesso aos relatórios de finalização e de processo destes Programas, incluindo o montante de recursos envolvidos.
- j) Fortalecimento do alcance e do mandato da Embaixada do Brasil em Port-au-Prince e do Centro Cultural Brasil Haiti;
- k) Apoio ao Programa de Intercâmbio artístico Haiti-Brasil: por meio deste Programa inovador, artistas haitianos dedicados às mais diferentes linguagens artísticas terão a oportunidade de vir ao Brasil por um período que pode variar de um a dois meses, para realizar trocas artísticas e desenvolver ou expor/apresentar seu trabalho, colaborando assim com a mudança da imagem do Haiti (retratado na grande mídia brasileira apenas como um país negro em crise permanente), permitindo a construção de pontes, modos de cooperação e inúmeras parcerias;
- l) Relançamento do Programa de Leitorado para o Haiti: a última edição ocorreu em 2008.

---

<sup>3</sup> Ver

<https://www.cartacapital.com.br/mundo/com-membros-do-mst-brigada-dessalines-ajuda-movimentos-sociais-no-haiti-6333/>;

<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/03/mst-mantem-aco-es-de-solidariedade-na-af-rica-e-na-america-latina-em-meio-a-pandemia/>;

<https://mst.org.br/brigadainternacional/brigada-jean-jacques-dessalines-haiti/>



No último dia 8 de agosto, a Iniciativa Brasil-Haiti foi lançada na UniRio: <http://www.unirio.br/news/unirio-sediou-lancamento-da-iniciativa-brasil-haiti>, trazendo ao público a necessidade de mais espaços de debate sobre a relação Brasil-Haiti, bem como o financiamento e apoio de mais pesquisas sobre a cosmovisão haitiana que, acreditamos, é modelar para as Américas.

Em 1 de janeiro de 2024, o Haiti completará 220 anos de Independência do brutal colonialismo francês. Como forma de ressignificar a experiência haitiana como centro de nossas referências na América Latina, propomos uma edição temática da Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – CNPEPI – inspirada nos temas discutidos no lançamento da Iniciativa Brasil-Haiti como forma de sinalizarmos ao Haiti nossa boa vontade, interesse, respeito e compromisso com todas as lutas anti-racistas no nosso continente.

A Iniciativa Brasil-Haiti se coloca inteiramente à disposição para dialogar e aprofundar quaisquer um dos temas propostos e deseja êxito no mandato de Vossa Excelência.

Assinam este documento os (as) integrantes da nossa equipe:

**Alfredo Guillermo Martin Gentini** – Professor aposentado da FURG;  
**Beatriz Gomes Cornachin** – Doutoranda em Economia Política Mundial na UFABC;  
**Carlos Bauer** – Professor da UNILA;  
**Celso Sánchez Pereira** – Professor da UniRio e Coordenador do GeaSur;  
**Clementino Junior** – Cineasta, doutor e mestre em educação, educador audiovisual e ambiental, pesquisador GEASur e fundador do CAN – Cineclube Atlântico Negro e CineGEASur;  
**Eryck Chaves Tavares** – Internacionalista e pesquisador sobre o Haiti;  
**Geraldo Cotinguiba** – Diretor de Ensino do Instituto Federal de Rondônia;  
**Gregory Saint Victor** – Diretor da Mondialog;  
**Joanna da Hora** – Mestranda em Antropologia;  
**Juliana Almeida Weizel de Fontoura Barreto** – Internacionalista, graduanda em Jornalismo e pós graduanda em Análise de Cenários Políticos, Resolução de Conflitos e Negociações para a Paz;  
**Maria VillaReal** – Professora da UFRRJ;  
**Marília Lima Pimentel** – Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, Cultura e Extensão da Universidade Federal de Rondônia;  
**Marina Bolfarine Caixeta** – Pós Doutoranda na UFG e na UnB;  
**Renata de Melo Rosa** – Diretora do Instituto Maria Quitéria e da Escola Crítica de Relações Internacionais;  
**Renel Prospere** – Doutor em Educação Ambiental Haitiana;  
**Tadeu Morato Maciel** – Pós Doutorando na Universidade Federal Fluminense;  
**Vogly Nahum Pongnon** – Coordenador dos cursos de Sociologia e Antropologia no Departamento de Etnologia da Université D'État d'Haïti.  
**Werner Garbers** – Diretor do Centro Cultural Brasil-Haiti;



A Iniciativa Brasil-Haiti recebe apoio institucional e cooperação técnica da FLACSO-República Dominicana.

**Contato:**

E-mail: [iniciativabrazilhaiti@iquiteria.org](mailto:iniciativabrazilhaiti@iquiteria.org)

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2023.